

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 40 – Dezembro / 2019

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)

ISSN 2526-4303 (ON-LINE)

DEZEMBRO / 2019

UMA BREVE ANÁLISE DA TEOLOGIA DE JÜRGEN MOLTMANN: DA TEOLOGIA DA ESPERANÇA AO UNIVERSALISMO

Me. Clayton Lima de Souza

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON-LINE)
DEZEMBRO / 2019

UMA BREVE ANÁLISE DA TEOLOGIA DE JÜRGEN MOLTMANN: DA TEOLOGIA DA ES- PERANÇA AO UNIVERSALISMO

A brief analysis of the Theology of Jürgen Moltmann: from Theology
of Hope to Universalism

Me. Clayton Lima de Souza¹

¹ Mestrando em Teologia (FABAPAR), Bacharel em Teologia (FACULDADE FIDELIS),
assessor da coordenação do curso de Teologia (FACULDADE FIDELIS). E-mail para
contato: claytondesouza@outlook.com

RESUMO

O presente artigo tem por propósito verificar, através da pesquisa bibliográfica realizada na obra de Jürgen Moltmann, em especial, na análise dos livros “Teologia da Esperança” e “O Deus Crucificado”, as suas principais contribuições para o pensamento teológico contemporâneo, principalmente na escatologia e na cristologia. Busca também conhecer como tais reflexões foram úteis para o surgimento da ideia de uma igreja operante e envolvida com as questões sociais, e como tais ideias instrumentalizaram movimentos como o da Teologia da Libertação. Por fim, procura entender através de seus escritos mais recentes, como a sua construção teológica se afastou da ortodoxia cristã e se encaminhou para se tornar uma doutrina muito próxima ao Universalismo, procurando colocar seus principais argumentos em diálogo com os argumentos de teólogos de orientação evangélica tradicional.

Palavras-chaves: Teologia. Escatologia. Cristologia. Esperança. Ortodoxia. Universalismo.

ABSTRACT

The purpose of this article is to verify, through the bibliographical research athwart in the work of Jürgen Moltmann, especially in the analysis of the books “Theology of Hope” and “The Crucified God”, his main contributions to contemporary theological thinking, especially in eschatology and Christology. It also pursuit to know how such reflections were useful for the emergence of the idea of a church operative and involved with social issues and how these ideas instrumented movements as well as Liberation Theology. Finally, seeks to understand, through his most recent writings, how his theological construction has moved away from Christian orthodoxy

and proceeded to become a doctrine very close to Universalism, seeking to put its main arguments in dialogue with the arguments of theologians of traditional evangelical orientation.

Keywords: Theology. Eschatology. Christology. Hope. Orthodoxy. Universalism.

INTRODUÇÃO

Imaginar que a interpretação que um teólogo faz da mensagem de Cristo deva ser completamente isenta e baseada somente na análise, seja textual, histórica ou filosófica, é ignorar o fato de que as suas convicções são construídas não somente a partir do impacto daquilo que ele aprende, mas também do que experimenta, daquilo que ele vive. Isso se aplica também à construção das convicções de um dos mais proeminentes teólogos vivos: Jürgen Moltmann.

Em 1943, Moltmann, um adolescente de apenas 17 anos de idade, presenciou sua cidade natal, Hamburgo, arder em chamas sob o bombardeio dos ingleses. Nesse ataque, 40.000 alemães morreram. Coincidentemente, como ele mesmo destacou no prefácio da edição brasileira de “O Deus Crucificado” (2011), na mesma ocasião 40.000 judeus também perderam suas vidas nas mãos dos nazistas. Neste, dentre as diversas vezes que descreveu esse episódio em seus escritos, Moltmann deixou transparecer para que direção sua reflexão teológica estava se encaminhando:

O que aconteceu? Foi culpa ou pecado? Foi uma maldade radical ou monstruosidade de Deus ou algo, no qual um conceito tradicional, moral e teológico não podia acreditar? Eu pessoalmente mergulhei fundo, quando na prisão, nas mãos de Deus. A noite escura das trevas divinas está na minha alma. Dessa necessidade O Cristo crucificado me deixou livre: Quando de sua súplica registrada no Evangelho de Marcos: “*Meu Deus, porque me abandonaste?*”. Então, tomei conhecimento de que

ali estava alguém que podia te entender. Alguém que, em seus temores, estava bem perto de ti. Ali estava alguém que, em sua ressurreição, te leva consigo para vida verdadeira.²

É claro que a teologia de Moltmann não é fruto somente de seus traumas como um prisioneiro de guerra, mas a partir de sua experiência olhou para o mundo e para a existência humana, e se dedicou à empreitada de buscar a resposta de Deus para a injustiça e para o sofrimento, tendo por companhia a filosofia neomarxista de Ernst Bloch. Neste artigo, portanto, pretendeu-se primeiramente destacar o essencial da Teologia de Moltmann, a partir de dois dos seus principais tratados, os livros “Teologia da Esperança” de 1964 (neste trabalho, foi usada a 3ª edição revista e atualizada de 2005), no qual procura recolocar a escatologia como pilar de sustentação da teologia, e o livro “O Deus Crucificado” de 1972 (neste trabalho, foi usada a edição em português de 2011), em que busca uma cristologia sob o aspecto do Cristo que sofre, encarna e se identifica com a humanidade. Esta análise, teve por finalidade a tentativa de encontrar uma linha de construção teológica que justifique em um segundo momento do texto, sob a luz de seus escritos mais recentes, como essa teologia se desenvolveu na direção de uma proximidade com o Universalismo.

² MOLTSMANN, Jürgen. **O Deus crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 14.

1. O EVANGELHO DA PROMESSA

Do que se trata, afinal, o Evangelho, essa “boa notícia” disseminada por Jesus a partir de seus discípulos? Sistematizar a teologia (dissecar para estudar as partes, individualmente), pode ter contribuído para deixar claro os conceitos, mas ao catalogar seus temas (colocar em caixas), ignorou a possibilidade de que alguns destes não sejam apenas itens, mas como a treliça sustenta a videira, sejam bases de sustentação para a compreensão e prática de toda a mensagem de Cristo.

Este foi o *insight* de Jürgen Moltmann, quando chama à atenção para a Escatologia, geralmente um pequeno e último capítulo nas obras de Teologia Sistemática, mas que conforme ele mesmo defende, “o cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só como apêndice; ele é perspectiva, tendência para frente, e, por isso mesmo, renovação, e transformação do presente”³, ou seja, é o que dá sentido ao Evangelho e o motor para a sua aplicação prática. No Evangelho segundo Jürgen Moltmann, a escatologia não está no final, mas no início, alicerçando e parametrizando todo o resto.

A Escatologia para Moltmann descortina o futuro, não para atender à nossa curiosidade, mas para oferecer ao cristão a possibilidade de vislumbrar a eficácia do projeto de Cristo e alimentar uma fé prática, operante. Sendo assim, o Evangelho segundo Moltmann é o Evangelho da Promessa.

Pode-se conjecturar que toda teologia é a teologia de seu tempo. Como explica McGrath, “na década de 1960, tanto a Europa quanto os Estados Unidos assistiram ao surgimento de uma explosão de otimismo em relação ao futuro da humanidade. O futuro parecia cheio de esperança”.⁴ Dessa forma, em “Teologia da Esperança”, Moltmann destaca que Deus é antes de tudo o

³ MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005, p. 30.

⁴ McGRATH, Alister E. Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã. São Paulo: Shedd, 2005, p. 635.

Deus que promete, e o ser humano, aquele que vive de acordo (ou não) com essa promessa. Em sua definição:

Uma promessa é a palavra dada que anuncia uma realidade ainda não existente. Assim, a promessa manifesta uma abertura do ser humano para história futura, em que se deve esperar o cumprimento da promessa. Quando se trata de uma promessa divina, isto significa que o futuro esperado não se desenvolverá a partir do círculo das possibilidades que existem no presente, mas se realizará a partir daquilo que é possível ao Deus da promessa. Pode tratar-se, portanto, de coisas que segundo o padrão da experiência presente aparecem como impossíveis.⁵

O relacionamento que se espera, então, entre Deus e o homem, é baseado na promessa. Deus tem um projeto desde a *eternidade*, colocado em operação desde a *queda*, mas que terá seu cumprimento pleno no *futuro escatológico*. Assim, “Deus se revela sob a forma de promessa e pela história da promessa”.⁶ O ser humano, por sua vez, vive (ou deveria viver) de acordo com essa esperança, agarrado à convicção de que Deus é confiável e que cumprirá o que prometeu, e por este motivo, vivendo um estilo de vida em que ao invés de preocupado em “[...] proteger e amparar o presente [...], antes se oriente em esperança em direção ao novo futuro prometido”⁷. Ele torna-se assim, inquieto e irreconciliado com a realidade presente. Moltmann resume essa ideia observando que:

Uma promessa divina consiste na promessa de um futuro que Deus quer realizar. Deus precisa manter o que promete, por causa de si mesmo e por causa de sua honra. Toda a sua essência é fidelidade. Por isso as pessoas podem confiar nele e crer em sua promessa. [...] o futuro prometido se torna presente na própria promessa, mobilizando as pessoas envolvidas por meio da

⁵ MOLTSMANN, 2005, p. 138-139.

⁶ MOLTSMANN, 2005, p. 62.

⁷ MOLTSMANN, 2005, p. 135.

esperança despertada.⁸

Diante disso, tanto a compreensão como a prática do Evangelho só são possíveis a partir da percepção escatológica, em que motivados e direcionados pela promessa do futuro, os cristãos possam ir além do cumprimento de obrigações religiosas ou da observação de valores morais, e possam viver e experimentar a encarnação de Cristo no presente.

Uma figura marcante para Moltmann, neste sentido, é o processo do êxodo e consequente caminhada do povo Israelita rumo à *Terra Prometida*. Mas o que poderia motivar Israel seguir peregrinando pelo deserto? A expectativa e a experiência de vida segundo a promessa. Em se tratando de igreja, sucessora e continuadora, é um coletivo que vive e opera “[...] aquela transitoriedade que resulta da esperança [...] Por isso, mesmo a igreja de Cristo não tem aqui sua ‘cidade permanente’, pois está em busca da ‘cidade futura’; por isso ela sai do acampamento para carregar o opróbrio de Cristo”.⁹ O povo da esperança, então, vive e caminha por esta promessa e, assim, a sua realidade é toda percebida através desta lente escatológica. A história passa a fazer sentido e ter legitimidade, enquanto o presente passa a ter significado e relevância, pois o enfoque está na realização do futuro de Cristo. Dessa forma, “a espera torna a vida agradável, pois, esperando, o ser humano pode aceitar todo o seu presente e encontra prazer não só na alegria, mas também no sofrimento, e bem-estar não só na felicidade, mas também na dor”.¹⁰ O que dá forças para continuar e atravessar o deserto não é uma realidade de *bênção e vitória* no agora apenas, pois ao encontrar o *oásis*, o peregrino é tentado a ficar, a achar que o paraíso é ali.

O alerta de Moltmann consiste em que “em todos os tempos, o protesto contra a esperança cristã e contra a transcen-

⁸ MOLTSMANN, Jürgen. No fim, o início: breve tratado sobre a esperança. São Paulo: Loyola, 2007, p. 15.

⁹ MOLTSMANN, 2005, p. 212.

¹⁰ MOLTSMANN, 2005, p. 49.

dência da consciência por ela modelada insistiu nos direitos do presente, nos bens que sempre estão à mão e na eterna verdade de cada momento”.¹¹ Porém, esse evangelho da conveniência é frágil na medida que a experiência humana é feita de fragilidades. O Evangelho da Promessa é o que deveria motivar o cristão a uma vida de seguimento de Cristo, levantando-se a cada queda, muitas vezes ajudando-o a juntar os *pedaços*, pois aquilo que está além vale mesmo a pena. Porém, o homem em geral, gasta todas as suas energias para ter realização neste mundo, todos os seus esforços estão voltados a viver sem sofrimentos nesta vida, sabendo que o próprio Senhor Jesus sofreu e disse que teríamos aflições aqui. O objetivo está no presente, quando a verdadeira alegria é motivada pela promessa da vida futura.

Se no Evangelho, segundo Moltmann, a fé genuína é o andar em esperança de acordo com a promessa, o pecado, então, consiste na falta de esperança, pois o desespero não permite enxergar e mirar no prometido, desviando o homem para longe da presença e da promessa de Deus. Pecado, então, não consiste em fazer ou deixar de fazer determinadas coisas, pois o *errar o alvo* é a “falta de confiança e dúvida quanto à vontade do cumprimento por parte de Deus [...], portanto, um roubo à glória de Deus”.¹²

Porém, viver segundo a promessa não significa *sentar e esperar* pela *Volta de Cristo*. Aliás, Moltmann discorda veementemente do uso desta expressão:

A esperada parusia de Cristo – “maranatha, vem, Senhor Jesus (AP 22,20) – é traduzida com a palavra proveniente do latim “advento de Cristo”, em alemão com a expressão “futuro de Cristo”. Dizendo “retorno de Cristo”, o presente fica vazio e a nós resta tão-somente esperar por um distante último dia do juízo. Utilizando a expressão “futuro de Cristo, dizemos: entendemos que Cristo já está “vindo”, e pela força da esperança nós hoje nos abrimos, com todos os nossos sentidos, para

¹¹ MOLTSMANN, 2005, p. 43.

¹² MOLTSMANN, 2005, p. 189.

as experiências de sua vinda. Com o termo vinda entendemos um futuro que já se torna presente, sem, contudo, deixar de ser o futuro.¹³

A esperança no “futuro de Cristo”, portanto, é a força motora que impulsiona para frente, mas também para os lados, vivendo neste mundo na imitação de Cristo e na obediência ao seu Evangelho, que já se tornou presente em suas promessas, pois “os cristãos, que seguem a missão de Cristo, seguem igualmente a Cristo no serviço do mundo”.¹⁴ A igreja, como congregação do povo da promessa e continuadora da obra de Jesus e de seus apóstolos, tem sua missão descrita por Moltmann nos seguintes termos:

Ora, essa missão não se realiza no horizonte estreito dos papéis sociais que a sociedade concede à igreja, mas dentro do vasto horizonte de esperanças do futuro reino de Deus, da futura justiça, da futura paz, da futura liberdade e dignidade do ser humano. O cristianismo não deve servir ao mundo para que o mundo continue sendo aquilo que é, ou seja, continue fechado naquilo que é, mas para que se transforme e se torne o que lhe está prometido.¹⁵

A pregação missionária, então, é a disseminação da esperança nas promessas, e à medida em que o reinado de Deus é estabelecido na sociedade através da igreja, a realidade é transformada para se adequar ao futuro escatológico. É o “já/ainda não” na prática. A missão da igreja para Moltmann não se limita à pregação da salvação individual, mas abrange a transformação do mundo, das suas instituições e de suas leis, a correção das injustiças sociais e das atividades políticas; tudo é transformado, ao passo que se vive de acordo com a esperança no futuro de Cristo. Por isso, a esperança que o Evangelho da Promessa proporciona, só pode ser experimentada por intermédio daquele que faz com que o futuro seja mais do que possibilidades remotas para se tornar certeza: o “Deus Crucificado”.

¹³ MOLTSMANN, 2007, p. 113.

¹⁴ MOLTSMANN, 2005, p. 407.

¹⁵ MOLTSMANN, 2005, p. 407.

2. A ESPERANÇA NO CRUCIFICADO

O Evangelho da esperança na promessa é antes de tudo ali-
cerçado no Cristo que prometeu, pois “na verdade, não há verda-
deira *teologia da esperança* que não seja, primeiramente, *teologia
da cruz*”.¹⁶ É diante desta realidade que, em 1972, Jürgen Moltmann
escreve “O Deus Crucificado”, sua segunda grande obra teológica
que segundo ele mesmo, se justifica nos seguintes termos:

[...] a teologia da cruz não é nada mais do que
o outro lado da teologia cristã da esperança,
se esta chega ao seu cerne na ressurreição do
Crucificado de maneira diferente. [...] Naque-
le momento tratava-se da lembrança de Cristo
na forma da *esperança* de seu futuro, agora se
trata da esperança na forma da *lembrança* de
sua morte. Lá estavam em primeiro plano as
antecipações do futuro de Deus em promessas e
esperanças, e aqui se trata de compreender a en-
carnação daquele futuro por meio do sofrimento
de Cristo e do sofrimento do mundo.¹⁷

250

Fica evidente nesta obra a preocupação de Moltmann que
a *Esperança* não se tornasse um esperar apático e infrutífero,
mas que produzisse resultados práticos na realidade. Para isso,
junto com a promessa era necessário apresentar o Cristo que
prometeu e Moltmann o fez desenvolvendo um conceito que po-
demos denominar como “encarnação empática”.

Pode-se conjecturar que, se a única preocupação divina
se resumia no pagamento pelo pecado, através do derramar do
sangue de Cristo na cruz para o resgate do pecador, por que
nascer, crescer e viver como um homem nesta vida por mais de
30 anos? Não poderia ele ter simplesmente encarnado e morrido
tudo e uma mesma tarde? Essa pergunta só pode ser respondida
se considerarmos a cruz não como *o evento único*, mas como *o
clímax* em uma sucessão de eventos que por sua vez, formam
um evento maior. É muito comum dizer que *Jesus sofreu na cruz*

¹⁶ MOLTSMANN, Jürgen. Paixão pela vida. São Paulo: ASTE, 1978, p. 52.

¹⁷ MOLTSMANN, 2011, p. 21.

por nós, mas na visão de Moltmann isso é apenas uma parte reduzida da verdade. Para que a promessa do futuro escatológico de Cristo se tornasse uma realidade no presente das pessoas, ele precisou, antes de tudo, se identificar com elas. Por isso, “toma sobre si a morte eterna do ímpio e do desamparado, para que todos os ímpios e desamparados possam experimentar a comunhão com ele”¹⁸, ou seja, o sofrimento de Cristo não se resumiu à cruz, mas diz respeito a toda experiência do ser humano.

O fato, segundo Moltmann, é que a experiência transformadora da promessa na vida do homem e da sociedade só é possível por causa da iniciativa divina em se identificar com o homem através da encarnação para, assim, poder se relacionar com ele. Essa iniciativa tem sua origem na empatia de Deus com o sofrimento humano, pois “[...] Deus é afetado pelos eventos, ações humanas e sofrimento na história. Ele é afetado por elas porque está interessado na sua criação, no seu povo e no seu direito”.¹⁹ O conceito de um Deus que não está aguardando o fim da história, do alto do seu sublime trono para premiar os bons e condenar os maus, mas que sofre junto com a sua criação e, que na verdade, ele vive a expectativa de que seu reinado seja implantado para que haja restauração e cura, é determinante no desenvolvimento de toda a teologia de Moltmann a partir deste ponto. Segundo ele, “Deus leva o homem tão a sério, que sofre sob suas ações e pode ser ferido por elas. No centro da proclamação profética existe a certeza de que Deus está interessado no mundo ao ponto de sofrer”.²⁰

E é justamente pelo fato de se identificar com o sofrimento do mundo, que Cristo é reconhecido por ele. Só é possível segui-lo, porque não se trata de um Jesus distante e indiferente, mas pelo fato de estar presente, interessado no sofrimento do homem e não somente isso, mas sofrendo junto com ele:

¹⁸ MOLTSMANN, 2011, p. 352.

¹⁹ MOLTSMANN, 2011, p. 344.

²⁰ MOLTSMANN, 2011, p. 345.

Assim, o caminho de Jesus torna-se mais compreensível: não foram os piedosos, mas os pecadores que o reconheceram, não foram os justos, mas os injustos, porque neles, ele manifestou o reino e o direito divino da graça. Ele manifestou sua identidade naqueles que haviam perdido suas identidades, nos que estavam em perigo, nos doentes, apartados e desprezados, e reconhece-se como filho do homem naqueles privados de sua humanidade.²¹

Ao encarnar, o Cristo que sofre com as desventuras humanas busca operar a transformação da realidade de dentro da realidade e não de *cima para baixo*. Porque ele sofre, ele não só entende como também é entendido e pode ser seguido na direção da promessa e de sua realização. É por isso que Moltmann afirma enfaticamente que “Deus tornou-se homem para que os homens tornem-se participantes de Deus”.²² Mas em que sentido a encarnação de Cristo torna o Evangelho segundo Moltmann, uma experiência não só de esperar, mas principalmente de agir? Em suas palavras:

A teologia cristã encontra sua relevância na esperança ponderada e praticante do reino do Crucificado, onde ela padece “os sofrimentos deste mundo” e faz do clamor da criatura atormentada, seu próprio clamor por Deus e liberdade. Jesus foi loucura para os sábios, escândalo para os piedosos e um perturbador para os poderosos. Por isso ele foi crucificado. E o mundo está “crucificado” para aquele que se identifica com ele, conforme Paulo disse uma vez.²³

Neste sentido, todo esse raciocínio é importante para compreender a missão da igreja como seguidora, imitadora e continuadora da missão de Cristo. Para Moltmann, “a missão deve expressar todo o caminho e toda manifestação de Jesus”.²⁴

²¹ MOLTSMANN, 2011, p. 49.

²² MOLTSMANN, 2011, p. 118.

²³ MOLTSMANN, 2011, p. 44.

²⁴ MOLTSMANN, 2011, p. 239.

Por esse motivo, se Deus sofreu com o sofrimento do mundo e enviou seu Filho para que, encarnado, trouxesse a promessa do futuro para responder às questões do presente, a missão da igreja corresponde ao mesmo caminho. Seguir a Jesus significa que “a existência cristã no discipulado do Crucificado é uma práxis que transforma o próprio ser humano e as circunstâncias. Logo, a teologia da cruz é uma teoria prática”.²⁵ Assim como o Crucificado voltou-se para o mundo e depositou todo o seu interesse nele, a igreja é aquela que espera pelo seu Senhor não apenas para o benefício de si própria, mas para o bem de toda a humanidade. Ela não está preocupada apenas com suas questões internas, mas principalmente com que o reinado escatológico de Cristo se estabeleça no mundo todo, trazendo o cumprimento das promessas de justiça e paz sob o Seu governo. Essa igreja é a que serve o mundo como Jesus serviu e que se sacrifica por ele, assim como o Senhor se sacrificou, produzindo resultados transformadores. Ela só pode ser considerada como igreja de Cristo se obedecer ao mesmo chamado.

3. OS EFEITOS DA ESPERANÇA

A partir destas reflexões, chega-se à conclusão de que, como discípulos daquele que sofreu pelo mundo e encarnou nele para tornar acessível o conteúdo e o cumprimento de suas promessas, a igreja precisa prestar contas de seus resultados práticos, pois “[...] onde se afirma haver identidade cristã, então é necessário perguntar por sua relevância”.²⁶ Por isso, Moltmann defende que a cristologia não deve se limitar a responder às questões a respeito da origem e da história da fé em Cristo, mas aferir o impacto dessa fé na realidade presente, sempre averiguando sua correspondência com os resultados prometidos no futuro. É o que ele chama de “[...] hermenêutica dos efeitos

²⁵ MOLTSMANN, 2011, p. 45.

²⁶ MOLTSMANN, 2011, p. 37.

e consequências”.²⁷ A igreja que compreende a amplitude e a importância de sua missão está disposta a uma autoavaliação, em que os parâmetros desta análise não se encontram em outro lugar a não ser no seu impacto na sociedade. Para isso, ela, a exemplo de seu mestre, encarna, se contextualiza, busca produzir transformação social de dentro da sociedade, pois “uma igreja que não muda para estar à disposição da humanidade do homem em novas circunstâncias fossiliza-se e morre. Ela se torna uma seita insignificante à margem de uma sociedade tomada por rápida mudança social”.²⁸

Assim, a igreja está sempre pronta a refletir teologicamente sobre a humanidade e o mundo como um todo, percebendo como aplicar o projeto de Deus para a sua criação e o seu papel como povo escatológico na operação deste projeto. Uma dessas reflexões, segundo Moltmann, é sobre o plano de Salvação. Ele desenvolveu uma crítica contundente contra a busca pela “salvação individual”, na qual cada um cuida para salvar a própria pele, indiferente ao que acontece ao seu redor. Para ele, “a teologia moderna tinha reduzido a salvação à salvação das pessoas e, nas pessoas, à salvação da alma. [...]. Mas Jesus Cristo é a salvação divina, então, seu poder salvífico tem um alcance que vai até a criação de Deus”.²⁹ Se o interesse de Cristo e a razão de seu sofrimento está em toda a criação, a preocupação de seu discípulo não pode se limitar na sua própria salvação.

Não se descarta, nesta análise, o relacionamento pessoal entre o crente e o seu Senhor, mas o que ele está dizendo é que ser cristão não se limita a isso. Ao mesmo tempo, não está afirmando que a tarefa da igreja se resume à transformação social pela instituição do reinado de Cristo e a realização de seu futuro escatológico. Ele propõe que:

²⁷ MOLTSMANN, 2011, p. 112.

²⁸ MOLTSMANN, 2011, p. 29.

²⁹ MOLTSMANN, Jürgen; BASTOS, Levy da Costa. **O futuro da criação**. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2014. E-book disponível off-line pelo aplicativo Kindle, não paginado.

[...] é preciso fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Transformação pessoal e interior sem mudança das circunstâncias estruturais é uma ilusão idealista: como se o ser humano fosse somente uma alma sem corpo. Por outro lado, a transformação das circunstâncias exteriores sem uma renovação interior é uma ilusão materialista: como se o ser humano fosse um mero produto de suas circunstâncias sociais e nada mais.³⁰

A esperança motivada pela promessa, enfim, precisa promover transformação no homem, que, conseqüentemente, produz transformação em seu mundo.

Outra reflexão importante e inevitável diz respeito à missão evangelizadora da igreja. O povo da promessa, que não somente aguarda o cumprimento do futuro escatológico, mas opera no mundo para moldar a sua história sob o caixilho dessa esperança, proclama uma mensagem que não se limita à libertação espiritual. Para Moltmann, “a evangelização deveria levar à crise de relevância ou, inevitavelmente, ao engajamento nos problemas políticos e sociais da sociedade”.³¹ Isso exige da igreja que a mensagem do Evangelho seja difundida não só em palavras, mas principalmente em ações. A igreja encarnada do Cristo encarnado, não está preocupada apenas com a salvação de almas, mas está atenta e empática aos sofrimentos do homem e da natureza.

Como resultado natural desta dinâmica, percebe-se que no Evangelho segundo Moltmann a preferência do Cristo da promessa está nos pobres e marginalizados. Como ele mesmo afirma, “num mundo dividido e hostil, a universalidade da misericórdia de Deus só pode ser testemunhada por meio da conhecida ‘preferential Option for the poor’”.³² Como aquele que sofreu e encarnou, e porque encarnou sofreu na carne. Ele identifica-se com os que sofrem na carne; como aquele que foi abandonado

³⁰ MOLTSMANN, 2011, p. 42.

³¹ MOLTSMANN, 2011, p. 41.

³² MOLTSMANN; BASTOS, 2014, não paginado.

na cruz e clamou. Ele identifica-se com os abandonados que clamam. E porque ele se identificou com os pobres e miseráveis, os quais se identificam com ele, pois “[...] nas suas situações concretas, o entenderam melhor do que os ricos e seus senhores. E eles o entenderam melhor por que eles, com razão tiveram a impressão de que ele os entende melhor do que os seus senhores”.³³

Naturalmente, se espera que, na direção para onde está apontado o interesse de Cristo, esteja também voltada toda a atenção de sua igreja. Assim como Jesus, seus discípulos não estão indiferentes ao sofrimento humano. Não há lugar para o desinteresse e para a apatia que Moltmann testemunhou por parte de muitas igrejas alemãs durante o regime de Hitler, mas “para salvar a todos, a igreja do Crucificado vai precisar, em concordância com a contradição da cruz, tornar-se parcial e tomar partido nos conflitos sociais e políticos nos quais ela se encontra e está envolvida”³⁴, e é justamente da esperança na promessa do futuro escatológico que essa igreja tira todas forças para essa tarefa.

256

4. A ESPERANÇA UNIVERSALISTA DE MOLTSMANN

Como já foi dito na introdução deste artigo, a biografia de Moltmann inclui guerra, prisão e morte. Por esse motivo, não é de se estranhar que ao ser encontrado por Jesus em um campo de prisioneiros, muitas perguntas precisavam ser respondidas, e a principal delas norteou sua construção teológica: como conciliar o amor e a justiça de Deus? Ou em suas próprias palavras, “De que maneira é possível crer-se em Deus e continuar a ser humano depois de Auschwitz?”³⁵ Em outra feita, Moltmann revela as vísceras do trauma que o encaminhou na busca por respostas teológicas e filosóficas: “Qual a impressão que a catástrofe

³³ MOLTSMANN, 2011, p. 71.

³⁴ MOLTSMANN, 2011, p. 78.

³⁵ MOLTSMANN, 1978, p. 53.

causou naquele jovem de 17 anos? [...] Surgiu, então, a outra pergunta, que me persegue por toda vida: porque eu permaneci vivo e não morri também com os outros?”³⁶ A esperança alimentada pela promessa no futuro do Cristo que sofre e se identifica com o ser humano em seus sofrimentos, para compartilhar com eles a sua própria glória, parece não ter sido o suficiente para amainar sua angústia e aplacar seus fantasmas. A lembrança do jovem companheiro estilhaçado ao seu lado na bateria antiaérea, durante o bombardeio em Hamburgo, continuava a cobrar dele uma resposta de Deus para a pergunta: “É justo o acaso que poupa a vida a um e permite que o outro morra? Não, como é possível que existam um Deus justo se na vida e na morte das pessoas não há justiça, quando se pode apenas perceber arbitrariedade?”³⁷ Sua ânsia por uma resposta que lhe trouxesse paz, enfim, é encontrada numa teologia que se assemelha em muito ao Universalismo.

Em seu argumento, Moltmann se volta para a sua “hermenêutica dos efeitos e consequências”, em que a cristologia não deve ser desenvolvida a partir apenas do seu conteúdo, mas também com base em seus resultados, para criticar a apresentação ortodoxa do Evangelho, em que “a imagem de Deus que julga em sua ira causou muitos males espirituais. [...] Isto precipitou alguns no profundo desespero pessoal, levou outros à rejeição revoltada da fé em Deus”.³⁸ Para ele, um Deus incapaz de ter compaixão não corresponde ao “Deus Crucificado” que sofre por sua criação e que se sacrificou para salvá-la. Por isso, sua teologia acabou se desenvolvendo, como ele mesmo diz, na direção de um “[...] universalismo da graça divina”.³⁹

No entendimento tradicional evangélico, a salvação, seja ela pré-determinada por Deus ou à disposição da livre escolha de todo

³⁶ MOLTSMANN, 2007, p. 50.

³⁷ MOLTSMANN, 2007, p. 75.

³⁸ MOLTSMANN, 2007, p. 172-173.

³⁹ MOLTSMANN, 2007, p. 184.

o ser humano, não será a realidade de todos, pois alguns se perderão. Já a doutrina universalista, por sua vez, propõe um final alternativo para a história da salvação como explica Erickson:

A posição particularista vê a salvação como algo que se baseia em respostas individuais à graça de Deus. Ela sustenta que nem todos responderão afirmativamente a Deus: por conseguinte, alguns se perderam e outros serão salvos. A posição universalista, por sua vez, sustenta que Deus restaurará todos os homens ao relacionamento com ele, segundo se pretendia desde o início. Ninguém se perderá.⁴⁰

Na opinião de Moltmann, a posição ortodoxa é o resultado de um comportamento farisaico, egoísta e baseado no mérito. Sua oposição ao tratamento evangélico para a questão da salvação é expressa por ele de maneira veemente:

O perigo da fé mesquinha existe quando a fé começa a morrer em si mesma por querer se conservar e busca alcançar seguranças e garantias. Com isso ela solta a mão daquele que prometeu segurá-la e condena-se a própria manipulação. Essa fé pusilânime manifesta-se vestida de ortodoxia temerosa por si e, por isso, é especialmente rígida. Ela surge quando o homem, na luta contra a imoralidade da presente era, confunde o evangelho do amor criador para com os abandonados com a punição e a lei da suposta moral cristã. Essa fé quer se sustentar e se proteger porque está possuída pelo medo.⁴¹

Erickson, por sua vez, defende a posição evangélica argumentando que ela é o resultado de uma atividade de hermenêutica bíblica que se desenvolveu através da história do cristianismo de forma legítima, pois “a igreja assumiu essa posição não porque não quisesse ver todos salvos, mas porque cria que as Es-

⁴⁰ ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 372.

⁴¹ MOLTMANN, 2011, p. 38.

crituras contêm afirmações claras de que alguns se perderão”.⁴²

Porém, o argumento de Moltmann reivindica sua origem na mensagem do Evangelho. Ele sustenta que o projeto original de Deus, que foi corrompido pelo pecado, será restaurado, e isso se tornou possível pelo fato de Cristo ter ressuscitado, pois a sua vitória sobre a morte não foi apenas pessoal, mas universal. Em seu entendimento, “se o Cristo abandonado por Deus ressuscitou, o inferno está superado. Se o Cristo sepultado ressuscitou dos mortos, está à vista o fim do desígnio de morte: ‘A morte tragada na vitória da vida’”.⁴³

Portanto, o que é chamado de “o fim da história”, na verdade, é um recomeço do projeto original, no qual o que devia ser desde o começo passa a ser real e definitivo, a partir do estabelecimento integral do reinado do Crucificado. O futuro de Cristo acontece, na verdade, quando Deus aperta o botão de *reset* da criação; é a restauração do sistema operacional conforme instalado de fábrica. Isso significa que não somente os justos terão acesso a essa nova realidade, mas implica também em “[...] ressuscitar os perversos para o novo início”.⁴⁴ Na concepção de Moltmann, os novos céu e terra possuem a seguinte descrição:

[...] será criado espaço livre para o “positivo”. A plenificação das experiências históricas com Deus ocupará esse espaço: “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles” (Ap. 21,3). Céu e terra, o visível e o invisível serão feitos novos para se tornarem templo cósmico, no qual Deus possa morar e descansar. Então a presença de Deus irá preencher tudo e os poderes do caos e da aniquilação serão banidos da criação. Isto é a morada cósmica de Deus. A Schekinah, que a tudo preenche.⁴⁵

⁴² ERICKSON, 1997, p. 379.

⁴³ MOLTSMANN, 2007, p. 66.

⁴⁴ MOLTSMANN, 2007, p. 95.

⁴⁵ MOLTSMANN; BASTOS, 2014, não paginado.

Assim, a terra prometida que “mana leite e mel”, o futuro escatológico esperado, é uma nova oportunidade para toda a criação que, finalmente, livre dos efeitos nocivos do pecado, pode existir na plenitude idealizada por Deus. Mas a pergunta que fica no ar é: e a questão do pecado do homem? Como se resolve a escolha deliberada de viver afastado de Deus, a incompetência em fazer a vontade de Deus e, principalmente, a inclinação para o mal da natureza corrupta de nosso coração? Moltmann oferece uma solução para a questão, trocando a interpretação tradicional da figura do fogo como juízo e condenação por uma visão romântica do fogo como manifestação restauradora do amor, como ele mesmo explica:

Paulo expressa essa graça transformadora por meio da imagem do “fogo”. “Se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo será salvo, todavia, como que através do fogo” (1Co 3.15). A imagem do fogo do final dos tempos não tem nada a ver com fogueira ou incineração do mundo, mas é uma imagem do amor de Deus, o qual queimará tudo que lhe resista, para que, assim, as pessoas que ele criou possam ser salvas.⁴⁶

O Cristo sofredor promete, na visão de Moltmann, que no final “[...] a alma crente experimenta na morte a presença de Deus como luz e fogo. A luz do amor eterno a atrai para Deus; o fogo do amor eterno queima tudo o que contraria Deus e que separa a alma de Deus”.⁴⁷ Assim, as portas ficam abertas para possibilidade de salvação de todo ser humano, independentemente de sua opção ou não de se arrepender por seus pecados pessoais. A definição de Grudem, por exemplo, de que “além do conhecimento dos fatos do evangelho e da aprovação deles, a fim de ser salvo, preciso decidir depender de Jesus para me salvar [...], para tornar-me alguém que entra numa nova comunhão com Jesus

⁴⁶ MOLTMANN; BASTOS, 2014, não paginado.

⁴⁷ MOLTMANN, 2007, p. 136.

Cristo como uma nova pessoa viva”⁴⁸, perde o seu valor, pois no final o amor vence o pecado.

Mas ainda assim, fica uma questão em aberto: e a justiça de Deus? O que fazer com aqueles que, não somente optaram por ignorar a vontade de Deus, mas também e em consequência disso promoveram o mal e causaram o sofrimento a outros? O que fazer com Hitler ou Stalin, por exemplo. Afinal, haviam campos de concentração dos dois lados da guerra que Moltmann testemunhou.

No Evangelho segundo Moltmann, o prometido futuro escatológico que está sendo preparado será a ocasião de reconciliação entre as vítimas e os que vitimaram. É o que ele chama de “juízo social”, em que Deus “[...] deverá refazer as relações destruídas entre as pessoas, e não recompensar ou castigar indivíduos. Deus restabelecerá a ordem”⁴⁹. O final, ou melhor, o reinício escatológico é o evento em que:

A justiça que Cristo aplicará a todos e a tudo não é a justiça que constata o bem e o mal e que aplica a devida justiça, em que os bons são recompensados e os maus são punidos. Ela é a *justiça criadora* de Deus, que faz justiça às vítimas e que corrige os agentes do mal. As vítimas da injustiça e da violência vão primeiro a julgamento, para que lhes seja feita justiça. Os agentes do mal serão posteriormente submetidos à justiça corretiva. Serão com isso transformados, de modo que somente poderão ser redimidos juntamente com suas vítimas. Eles serão salvos pelo Cristo crucificado, que vem a eles juntamente com suas vítimas.⁵⁰

Essa busca por uma salvação que possa ser universal e irrestrita, tem por objetivo equacionar a sua escatologia com a imagem do Cristo sofredor e empático. Para Moltmann, “o Cris-

⁴⁸ GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 593.

⁴⁹ MOLTSMANN, 2007, p. 177.

⁵⁰ MOLTSMANN, 2007, p.175-176.

to com a espada do juízo na boca, o qual executa com recompensa e punição a justiça retributiva entre as pessoas, não é possível de ser reconhecido. [...] Esse juiz vingativo não pode ser o Cristo que morreu e ressuscitou por nós”.⁵¹ Em resposta, a doutrina ortodoxa ensina que:

As escrituras afirmam de modo claro que Deus será inteiramente justo e ninguém será capaz de reclamar contra ele naquele dia. Deus é “aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um” (1Pe 1.17), e para ele “não há acepção de pessoas” (Rm 2.11; compare Cl 3.25). Por essa razão, no último dia “toda boca” se calará e todo mundo será “culpável perante Deus” (Rm 3.19), Sem que ninguém seja capaz de reclamar que Deus o tratou de maneira injusta.⁵²

O que soa como injustiça para Moltmann, por não se enquadrar na figura benigna e padecente do Cristo sofredor e empático, é trado pela ortodoxia como a demonstração da inteireza de Deus e não somente da parte que possa interessar a alguém. No que diz respeito ao julgamento justo de Deus, “o propósito do dia do juízo será, antes de tudo, mostrar a justiça do juízo de Deus na salvação do justo e na condenação do injusto”,⁵³ não diminuindo a grandeza e amplitude de seu amor. Ao comentar Apocalipse 20.11-15, Osborne rebate a visão universalista da restauração de toda a humanidade, diante do caráter corrompido do ser humano pelo pecado que não experimenta o genuíno arrependimento: “Aqui se encontra a resposta para os que defendem o universalismo – a depravação é uma força eterna e exige punição igualmente eterna. A verdade é esta: Hitler e Stalin odiarão mais a Deus daqui a um bilhão de anos do que odiavam no dia em que morreram!”⁵⁴

⁵¹ MOLTMANN; BASTOS, 2014, não paginado.

⁵² GRUDEM, 1999, p. 980.

⁵³ WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. São Paulo: Vida, 2011, p. 1131.

⁵⁴ OSBORNE, Grant R. Apocalipse: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 43.

Moltmann vai além e, afastando-se cada vez mais da ortodoxia, flertou inclusive com o *Pluralismo Religioso*. No livro “O Futuro da Criação”, publicado em parceria com um de seus alunos, o brasileiro Levy da Costa Bastos, Moltmann afirma que o amor de Deus transcende a questão religiosa, pois “por que nós deveríamos crer nos outros ou mesmo levar a incredulidade dos outros mais a sério do que a misericórdia de Deus para com eles? [...] As diferenças entre crentes e pessoas de outros credos estão aí, mas são superadas pela misericórdia de Deus para com todos”.⁵⁵ Sobre a vida presente como única oportunidade de salvação, por sua vez, Moltmann reflete sobre os textos de 1Pedro 3.18-22 e 4.6, e chega à conclusão de que o efeito da morte foi anulado, pois “Ele desce para o “reino da morte” para fazer dele o seu reino e para preenchê-lo com a sua vida.”⁵⁶ Moltmann não admite a morte como o fim da oportunidade de redenção, mas que a promessa se cumprirá pelo fato de ser Cristo maior do que a morte. Ele define sua crença nos seguintes termos:

Eu creio que Deus também completará uma vida que ele iniciou com um ser humano (Fl 1,6). Se Deus for Deus, nem mesmo a morte violenta poderá impedi-lo nessa obra. Por isso creio que a história de Deus com nossa vida continuará após a nossa morte, até que seja alcançada aquela plenitude na qual a alma encontra o repouso, a justiça e a felicidade. Segundo a antiga tradição isso ainda não é o “reino de Deus”, nem mesmo a “vida do mundo que virá”, mas uma espécie de “estado intermediário” entre a vida que se extinguiu aqui e a vida eterna no além.⁵⁷

Sim, o Evangelho segundo Moltmann admite esse “estado intermediário”, em que mesmo após a morte, a graça e a misericórdia de Deus podem alcançar o homem, pois “aqueles que nós denominamos “mortos” não estão perdidos. Mas também

⁵⁵ MOLTSMANN; BASTOS, 2014, não paginado.

⁵⁶ MOLTSMANN, 2007, p. 183.

⁵⁷ MOLTSMANN, 2007, p. 145.

ainda não estão definitivamente salvos. Eles estão junto a nós que vivemos, abrigados pela mesma esperança e, assim, conosco a caminho, rumo ao futuro de Deus”.⁵⁸ Essa visão escatológica está claramente em oposição à escatologia evangélica em que “[...] a condição do perdido é definitiva, uma situação de separação e miséria eterna sem possibilidade de alteração futura. Portanto, não pode haver depois um ingresso na salvação”⁵⁹, pois “a Bíblia nunca nos incentiva a pensar que haverá segunda chance de aceitar Cristo depois da morte. Na verdade, o quadro é exatamente o oposto”.⁶⁰ Por isso, “para o descrente, a morte é uma maldição, uma penalidade, um inimigo. Embora não traga a extinção, a pessoa é afastada de Deus e de toda oportunidade de obter a vida eterna”.⁶¹ Moltmann, porém, à revelia da ortodoxia evangélica, está convencido do contrário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

264

A contribuição de Jürgen Moltmann é contundente e indiscutível. Primeiro, ao reencontrar a chave da escatologia no fundo da última gaveta da teologia, e com ela acionar o motor da esperança no futuro escatológico de Cristo, com o objetivo de mover a igreja para frente e na direção do mundo. Isso é muito mais do que a definição tradicional de que “O propósito das verdades escatológicas na Palavra de Deus é nos consolar e nos dar segurança”⁶², que na prática significa muitas vezes trazer conforto para uma igreja apática.

Em segundo lugar, Moltmann ousa redesenhar Jesus, tornando-o um Cristo mais próximo, mais humano, que se importa com a humanidade a ponto de sofrer não somente por ela, mas com ela, sentindo suas dores e experimentando suas aflições. Tudo

⁵⁸ MOLTSMANN, 2007, p. 146.

⁵⁹ WILLIAMS, 2011, p. 1150.

⁶⁰ GRUDEM, 1999, p. 691.

⁶¹ ERICKSON, 1997, p. 485.

⁶² ERICKSON, 1997, p. 481.

isso, resultando em uma convocação para uma igreja relevante que, da perspectiva do futuro escatológico e a exemplo de seu Senhor, deve encontrar o seu lugar no presente. Era de se esperar que, naturalmente, suas ideias encontrassem reflexo na Teologia Política europeia e na Teologia da Libertação na América Latina.

Porém, a teologia de Moltmann veio gradativamente se mostrando como uma busca por respostas para os seus dramas pessoais e para o resultante questionamento sobre a vida e a existência do homem da perspectiva do sofrimento e da injustiça. Isso o fez cada vez menos dependente da hermenêutica bíblica, distanciando-se cada vez mais da doutrina evangélica, fazendo com que sua reflexão teológica cedesse o seu lugar a uma reflexão meramente filosófica. Isso acabou aproximando-o do Universalismo, que apesar de não encontrar apoio nem na ortodoxia nem na exegese sólida nas Escrituras, trouxe as respostas que seu coração ansiava.

REFERÊNCIAS

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

McGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. São Paulo: Shedd, 2005.

MOLTMANN, Jürgen. **No fim, o início: breve tratado sobre a esperança**. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLTMANN, Jürgen. **O Deus crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã**. Santo André: Academia Cristã, 2011.

MOLTSMANN, Jürgen. **Paixão pela vida**. São Paulo: ASTE, 1978.

MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da esperança**: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.

MOLTSMANN, Jürgen; BASTOS, Levy da Costa. **O futuro da criação**. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2014. E-book disponível *off-line* pelo aplicativo Kindle.

OSBORNE, Grant R. **Apocalipse**: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. São Paulo: Vida, 2011.

